

Eleição definirá o poder de influência das centrais sindicais

por Ricardo Balthazar
de São Paulo

A disputa entre Fernando Collor de Mello (PRN) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no segundo turno das eleições presidenciais deverá contribuir para alterar as relações de poder no movimento sindical. O resultado indicará quem, entre as duas principais forças do setor — a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e a Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT) —, terá maior poder de pressão e influência sobre o próximo governo.

Nas próximas semanas, durante a campanha para o segundo turno, as duas entidades deverão se confrontar diretamente. A CUT, cujos dirigentes tiveram uma participação ativa na campanha petista nos últimos meses, deverá montar, numa reunião nos dias 28 e 29, sua estratégia de ação para a próxima etapa. Ela pretende intensificar o trabalho do primeiro turno e unir na sua atuação os sindicatos ligados ao PDT, ao PSDB e ao PCB, minoritários dentro da central — além de firmar oficialmente o apoio da CUT a Lula. A CGT, que dispõe de uma estrutura bem menor que a da CUT, decidirá na quinta-feira o que fazer.

O presidente da CGT, Antônio Rogério Magri, assumiu publicamente sua preferência por Collor dias antes da eleição e tentará conseguir o apoio dos outros dirigentes de sua central. Hoje, ela é sustentada basicamente pelas confederações e muitos de seus filiados não apóiam Collor. O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Luiz Antônio de Medeiros, que divide com Magri a oposição à CUT, ainda está indeciso, embora também tenha dado seu apoio a Collor em alguns momentos do primeiro turno.

“Não vou fazer campanha para ninguém e posso votar em branco”, afirma Medeiros. Ele admite que pode mudar sua posição de acordo com as alianças que serão montadas por Collor e Lula nos próximos dias. Eleitor de Mário Covas (PSDB) no primeiro turno — um voto útil contra o PT —, ele acha que o apoio de setores da Igreja à campanha de Lula foi decisivo para a chegada do PT ao segundo turno das eleições.

A participação da CUT na campanha de Lula, ao mesmo tempo que rendeu votos, contribuiu para reforçar a organização da entidade. No Nordeste, por exemplo, o clima eleitoral ajudou a eleição da CUT no sindicato dos operários da indústria do álcool e do açúcar de Pernambuco, que reúne cem mil trabalhadores. O mesmo se repe-

tiu com os 70 mil motoristas de ônibus de Salvador (BA), que deram para a CUT seu sindicato. Para o presidente da CUT, Jair Meneguelli, uma vitória de Lula no segundo turno serviria para reforçar mais a estrutura da entidade.

“Se o PT ganhar vai ter dificuldades para governar e a CUT vai viver uma crise existencial”, anuncia o principal conselheiro político de Magri e Medeiros, Aloysio Azevedo. Meneguelli acha que um governo petista, ao contrário de um dirigido por Collor, agilizaria as negociações trabalhistas no setor público e, também, na iniciativa privada. “Ia gerar uma expectativa grande que ia reforçar a mobilização dos trabalhadores”, prevê.

Ele acha, mesmo assim, que isso deverá gerar uma ~~calmaria de greves~~, algo que tem sido garantido nos últimos meses pela política salarial em vigor e pelo clima eleitoral. Essa tranquilidade — que só foi quebrada por algumas paralisações no setor público — deverá persistir pelo menos até o fim do segundo turno. Neste período, poucas categorias expressivas têm data-base para renovação de seus acordos coletivos. Para Magri, o próximo governo será obrigado a fazer um “amplo entendimento nacional” e isso também contribuirá para manter a tranquilidade.